



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

A NOTÍCIA E A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA POR TOBIAS

PEUCER, ROBERT PARK E ADELMO GENRO

Maria do Socorro Monteiro Carcará; bcarcara@gmail.com¹

RESUMO

O que se avançou da idade média à contemporânea no que se relaciona a estudos do jornalismo? Tobias Peucer, Robert Park, Adelmo Genro, cada um a seu tempo, trataram sobre temas pontuais como critérios de noticiabilidade, agendamento, notícia como mercadoria entre outras discussões teóricas. No século XVII, Tobias Peucer com a tese *De Relationibus Novellis* (Os Relatos Jornalísticos), foi cognominado como progenitor das teorias do jornalismo. Esse é o ponto de partida deste artigo, que reflete sobre o que de concreto culminou no fazer jornalístico, passando por Robert Park até o contemporâneo Adelmo Genro.

PALAVRAS-CHAVE

Teorias do jornalismo. Tobias Peucer. Robert Park. Adelmo Genro. Notícia

1. INTRODUÇÃO

Os escritos do alemão Tobias Peucer o apresentam como crítico obstinado à prática jornalística. No final do século 17, em 8 de março de 1690, o estudioso de teologia e medicina, defende na Universidade de Leipzig, na Alemanha, a tese de doutorado que relaciona o jornalismo com história, realçando o fato como objeto das duas áreas. Na falta de bibliografia específica para fundamentar seus escritos, Peucer extrai de clássicos da Antiguidade ou de autores de sua época as referências que embasaram as argumentações.

Peucer chama de relatos jornalísticos (*relationes novellae*) os textos que contêm a notificação de coisas diversas acontecidas recentemente em qualquer

¹ Doutora em Meio Ambiente pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), com tese voltada para o jornalismo ambiental e televisão. Professora do Departamento de Comunicação Social da UFPI. E-mail: bcarcara@gmail.com.



lugar. Conta a sucessão exata dos fatos que estão interrelacionados e suas causas. “Limitam-se a uma simples exposição a bem de reconhecer os fatos históricos mais importantes (capítulo IV). Ou até mesmo “misturam coisas de temas diferentes como acontece na vida diária ou como são propagadas pela voz pública para que o leitor curioso se sinta atraído pela variedade de caráter ameno e preste atenção” (capítulo XIX).

O autor, considerando o contexto em que viveu e a época histórica, conseguiu discutir sobre temas atuais e que ainda são objeto de análise de estudiosos.

Por sua vez, o jornalista sociólogo norte-americano, Robert Ezra Park, teve a produção acadêmica marcada por um método de pesquisa empírica, influenciado em grande parte pela própria experiência enquanto jornalista. Park sempre defendeu a necessidade de observar concretamente o comportamento humano e as relações entre indivíduos no contexto urbano. Em 1940 do século passado, o autor apresenta contribuições fundamentais aos estudos do jornalismo. Define o jornalismo como instituição social e como uma forma de conhecimento. Robert Park, estudou sociologia e observou como a natureza e a função das notícias influenciam no comportamento das pessoas.

O autor distingue o ‘conhecimento de’ do ‘conhecimento acerca de’, o primeiro é o conhecimento por excelência que sustenta o senso comum. Aquele que os indivíduos adquirem de modo inconsciente como resultado de suas experiências, a partir do momento em que são adquiridas. Já o segundo, o ‘conhecimento acerca de’ fundamenta o conceito de notícia como uma manifestação da sociologia do conhecimento. Trata-se de um conhecimento formal, que resultaria da observação sistemática dos eventos, da observação de fatos postos à prova sob a orientação de uma metodologia científica.

A distinção entre os dois tipos de conhecimento foi considerada um problema para aplicação da definição de notícia, conforme Machado (2005). Segundo esse autor, “Park acentua as diferenças entre ambos tomando como parâmetro o conhecimento científico e, ao final, deixa de caracterizar a especificidade do conhecimento jornalístico, ao considerá-lo similar ao conhecimento do senso comum” (MACHADO, 2005, p.27).



Adelmo Genro Filho, sociólogo brasileiro, por sua vez, recupera da Antiguidade três categorias tradicionais do pensamento filosófico com a intenção de abordar o jornalismo como modalidade de conhecimento. Mais especificamente da filosofia clássica alemã. São elas, o singular, o particular e universal. O filósofo húngaro Georg Lukács recorreu às mesmas categorias na formulação de uma estética marxista.

Em "O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo", dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais, em abril de 1987, defende que o jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizada no singular. E que essa característica tipicamente singularizada está intimamente ligada à realidade imediata, o que reduz a possibilidade da impregnação da ideologia ao relato jornalístico. Mas, acrescenta que o fato singular só adquire sentido num contexto particular e universal, que precisa ser posto, ou seja, apreendido subjetivamente por um processo que dá vasta margem à ideologia.

O que Tobias Peucer, Robert Park e Adelmo Genro têm em comum é a abordagem de conceitos comuns relacionados à prática jornalística. Para compreender o que avançou nos estudos sobre notícia e produção da notícia, este artigo focaliza no estudo dos três pesquisadores, embora em alguns momentos recorra a outros pesquisadores como forma de alinhar a discussão. O objetivo não é confrontar as ideias dos autores, mas acompanhar a evolução dos conceitos como a definição de notícia; relação do jornalismo e história; notícia como mercadoria; objetividade; lide e pirâmide invertida; critérios de noticiabilidade, e agendamento.

2. JORNALISMO E HISTÓRIA

Há um certo reducionismo na interpretação de Peucer com relação às notícias quando afirma que o jornalismo é responsável pela inclusão de alguns acontecimentos na história, mas somente os que forem bem apurados. “as coisas narradas passam também à história propriamente dita, há de se compreender que nem todos, mas somente de uns poucos, os que foram registrados com certa acurácia e aplicação é que passam à história” (capítulo XXIII).



Peucer afirma que o jornalismo coloca “por escrito a memória dos acontecimentos” (capítulo VI). Chama o fato narrado por “coisas esparsas”, “histórias sem ordem”, “em formato de miscelânea (...), história variada ou multiforme”.

Sem se deter em detalhar o perfil dos profissionais da época, ele diz que esse forma improvisada de fazer jornalismo pode ser atribuída aos profissionais que “se encontram quase desprovidos daquilo que é necessário para estabelecer a história escrita (...) como conhecimento dos factos, competência, juízo elevado, documentos autênticos obtidos em arquivos não suspeitos (...) e a linguagem e o estilo adequados à história” (capítulo XXVI).

Peucer completa com uma preocupação no grau de confiabilidade dos escritos de sua época. “tomar os jornais por “documentos confiáveis” pode “obscurecer a memória da posteridade” (capítulo XX).

A relação entre jornalismo e história também foi considerada por Robert Park, contudo este refuta a ideia de notícia como História. “A notícia [...] se refere, em conjunto, a acontecimentos isolados e não procura relacioná-los nem com sequências causais nem com sequências teleológicas. A História não só descreve os acontecimentos, mas também procura colocá-los no lugar que lhes cabe na sucessão histórica (PARK, 1976, p. 174).

Para ele, o jornalismo cumpre o seu papel na atualidade enquanto a História na posteridade. O jornalismo exerce sua função social ao anunciar o fato, não como história continuada, mas como uma série de incidentes independentes. Já a História trata de fazer essa ordenação dentro de critérios de relevância que lhe são próprios.

A notícia não pode ser história, na compreensão de Park, porque é uma forma de conhecimento que não se interessa pelo passado. Também não se interessa pelo futuro, como a economia, mas tem fixação pelo presente. Ao que ele chamou de “presente especioso”. Quer dizer, um presente efêmero, singularizado na forma de conhecimento noticioso. Pode-se dizer que a notícia só existe nesse presente. O que aqui se entende por “presente especioso” é indicado pelo fato de ser a notícia, como o sabem os editores da imprensa comercial, mercadoria sumamente perecível. (PARK, 1976 p. 175).



A crítica de Adelmo Genro a Robert Park reside na relação da notícia com a política. Ele acentua que é ultrapassada a noção do jornalismo como um fenômeno orgânico do sistema social considerado em sua positividade. A notícia não é política e nem história, mas possibilita a ação política. Conforme Genro, a concepção funcionalista do conceito de política dada por Park, retira qualquer dimensão transformadora e propriamente histórica. Contudo, o autor acrescenta que se o jornalismo se imiscuir em um processo de autoprodução ontológica do gênero humano, tendo “a política como a dinâmica dos conflitos em torno da qualificação da práxis social, o jornalismo vai se revelar sob nova luz. Vai aparecer, então, em seu potencial desalienante e humanizador”. (GENRO, 1987. p.52)

Para Genro, a história como processo global é instrumento de qualificação da informação. Corresponde ao universal que contextualiza e que valoriza o singular: o fato.

Se um homem qualquer morde um cão qualquer, isso não terá maior significado por ser um fato singular que não contém a necessária universalidade. Não indica uma tendência na evolução ou na transformação da sociedade. É evidente que, se muitos homens começarem a morder os cães, a qualidade de tais notícias será alterada pela quantidade. O mesmo acontecerá, por exemplo, se o presidente dos Estados Unidos tomar essa atitude, embora fosse um caso isolado. (GENRO, 1987. p.66)

O sociólogo defende que o singular cristaliza a informação, mas que o critério de valor da notícia vai depender, apesar de contraditório da universalidade que ela expressar.

3. DEFINIÇÃO DE NOTÍCIA

Peucer iniciou a sua tese tratando sobre a ‘nova comunicação’ baseada em relatos (*relationes*), mas não consegue precisar qual a origem e quando se iniciou essa ‘nova comunicação’². Para Peucer, as notificações de coisas acontecidas em qualquer lugar estariam circunscritas sob o critério da atualidade. A contemporaneidade que implica o conceito é percebida quando o autor diz que a

² A história do jornalismo, pós-Peucer, identificou a Acta Diurna, publicação oficial do Império Romano, criada no ano de 59 a.C. durante o governo imperial de César, como o primeiro jornal.



sucessão exata dos fatos está interrelacionada a suas causas, requerendo contextualização. O 'porquê' das perguntinhas básicas do lead.

Melo (2007) faz uma crítica a Robert Park sobre a confusão do conceito de notícia. Segundo ela, o autor não distingue os termos jornalismo e notícia. "A notícia, como sabemos hoje, é um dos gêneros do jornalismo, integra uma de suas formas de narrar os acontecimentos. Essa denominação que pode parecer uma troca acessória é reveladora e deve ser lida com cuidado para nossa interpretação. (MELO, 2007, p. 4)

Ao localizar a notícia como forma de conhecimento, Robert Park, não a considera apenas como um objeto dentro do espaço organizacional, mas como institucional para o jornalismo, já que é parte da sociedade e auxilia em sua ordenação e funcionamento. "A notícia orienta o homem no mundo real. Na medida em que o consegue, tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência da sociedade" (PARK, 1972, p. 183).

Park recorre a dois conceitos fundamentais para pensar a notícia como forma de conhecimento: o "conhecimento de" e o "conhecimento acerca de, que buscou do filósofo William James³.

O conhecimento de "é uma forma de saber que integra o sujeito e seu objeto de atenção. Há uma indistinção em que o conhecimento sobre o real passa a ser de tal forma naturalizado que perdemos sua dimensão como construção simbólica e social. Já o "conhecimento acerca de", trata-se do conhecimento racional, em que há um esforço de separar sujeito e objeto. Ou seja, "baseia-se na observação e no fato, mas no fato verificado, rotulado, sistematizado e, finalmente, ordenado nesta ou naquela perspectiva, segundo o propósito do pesquisador. (PARK, 1979. p.171).

Adelmo Genro, em O Segredo da Pirâmide, interpreta que: "o conhecimento de" ou "conhecimento de trato" é aquele que emana do uso familiar, da imediaticidade da experiência e do hábito que lhe corresponde. Não é um conhecimento produzido por qualquer procedimento mais formal ou analítico.

³ William James (Nova Iorque, 11 de janeiro de 1842 – Tamworth, 26 de agosto de 1910) foi um filósofo e psicólogo americano. James é considerado uma das principais figuras associadas à escola filosófica conhecida como pragmatismo, e também é citado como um dos fundadores da psicologia funcional.



Por outro lado, o "conhecimento acerca de" seria formal, produto de uma abstração controlada e criteriosa. E, simplifica, que a notícia tem localização própria, à medida que não proporciona um conhecimento sistemático e nem tampouco é a revelação de fatos de ordem histórica, mas apenas a alusão a um "acontecimento".

A crítica de Genro a Park, é que o 'conhecimento de' utiliza uma abordagem redutora, pois "supõe uma espécie de "senso comum" isento de contradições internas, cuja função seria somente reproduzir e reforçar as relações sociais vigentes, integrar os indivíduos na sociedade" (GENRO, 1987, p.41).

A notícia, para este autor é uma modalidade de ideologia, mas enquanto forma de conhecimento que pode ser usada ideologicamente, guarda o potencial de ressignificar os fatos sociais e de apresentar a complexidade das mediações envolvidas em cada um deles.

Identificando Genro Filho como um autor de esquerda, Pontes (2018) sublinha que, para o sociólogo brasileiro, é ontológico indicar que todo acontecimento vem dotado de um (ou de vários) sentidos e que estes oferecem uma "postura ideológica". Conforme Pontes (2016), para Genro, é tarefa do jornalista na produção da notícia "manter uma abertura de sentido, de tal forma que o fenômeno possa, ao mesmo tempo, revelar o contexto de sua produção e o reconhecimento da contradição que emana do próprio fenômeno e que, por isso, contradiz a gênese de sua produção." (PONTES, 2016, p.161).

4. NOTÍCIA COMO MERCADORIA

Apesar de não ter destinado um espaço maior para a discussão da notícia como forma de lucro, Tobias Peucer, a seu tempo, destaca que o mercado já apresentava força ao concluir que "a busca de lucro tanto da parte dos que confeccionam os periódicos, como da parte daqueles que os comerciam "foi uma das razões que levou ao aparecimento dos jornais" (capítulo VIII). O autor defende o papel social da notícia, mas não desconsidera o lucro proveniente da atividade jornalística. Admite que, por recomendação dos proprietários, os relatos estimulam a curiosidade humana visando a comercialização e a "busca de



lucro tanto da parte dos que confeccionam os periódicos, como da parte daqueles que os comerciam” foi uma das razões que levou ao aparecimento dos jornais (capítulo VIII). Peucer evidencia o desejo de lucro dos seus proprietários (capítulo VIII) que mais buscam satisfazer a curiosidade humana que serem úteis ou contribuir para a história: “os relatos jornalísticos não costumam escrever tendo em vista a posteridade, senão tendo em vista a curiosidade humana” (capítulo XXIII).

Em Peucer, há também a preocupação em que se evite o sensacionalismo. Todavia, o autor não deixa claro se é devido à necessidade de comercialização do relato, ou, o que é mais provável, se essa forma sensacionalista de narrar os fatos pode ser atribuída ao ímpeto ao exagero que alguns profissionais tendem a alimentar. Ou, ainda se é para satisfazer o desejo de um público sedento de dramas da vida real: “Também é preciso averiguar os fatos e versar sobre que é útil, e não do desconhecido e das banalidades sensacionais, por vezes mentirosas ou exageradas, que as pessoas querem saber (capítulos XIV e XVI)”.

Outro ponto criticado pelo autor é a obediência dos profissionais aos interesses dos governantes, não como fruto de ‘parceria comercial’, como é comum na atualidade, mas como temor à represálias. O que pode ser visto nos trechos: “É preciso ter coragem para dizer a verdade” (capítulo XIII). “É perigoso escrever sobre aquilo que pode lhe mandar ao degredo”, como as coisas que “os príncipes não querem que sejam divulgadas” (XVII).

Já Robert Park atribui o estatuto de instituição ao jornal e o enquadra como componente estrutural da sociedade. Evitando fazer julgamentos sobre a mercantilização da notícia, Park enquadra o processo de incorporação da publicidade como fonte de financiamento como sintoma de transformações sociais mais amplas resultantes da institucionalização do jornalismo. Termina por naturalizar esse processo no momento em que não dá ênfase a ele.

Park relaciona o aumento da circulação dos jornais à adoção de uma linguagem mais simples e acessível ao público. “A história natural da imprensa, portanto, é a história dos jornais que sobreviveram por meio da circulação” (PARK, 2008 [1923]. p. 33). Ele reconhecia a influência da publicidade no



conteúdo jornalístico, mas optou por encarar como uma alternativa de redução da dependência do jornalismo em relação aos anunciantes.

Adelmo Genro admite que o valor de troca remete o atributo de mercadoria para a notícia, contudo, acrescenta, que o seu valor de uso a torna um produto diferenciado. E parafraseia Sartre: “A notícia é uma mercadoria, mas não é uma mercadoria qualquer”.

Para o estudioso brasileiro, o fato de os espaços publicitários comercializados ocuparem o mesmo espaço das notícias desvela o lado capitalista das empresas jornalísticas. Como as demais, utilizam o critério do lucro e o objetivo da acumulação. Significa, ainda, conforme Genro (1987), que o seu produto final, a notícia, é mercadoria como quase tudo no capitalismo. E, acrescenta, que nem por isso, pode-se afirmar que a notícia não acumula valor de uso, apesar do valor de troca ser dimensão determinante. Ou seja, a informação jornalística comercializada, continua tendo um valor de uso cujo conteúdo, por definição, jamais pode ser dissolvido ou abolido, pois ele é condição para a realização do produto como valor de troca.

Mais concretamente, conforme o autor, essa persistência do valor de uso da notícia se manifesta do seguinte modo: o espaço ocupado pelas notícias e reportagens, mesmo que secundários, conforme a ótica puramente econômica, deve corresponder às necessidades do público consumidor para a valorização do espaço publicitário.

5. O LEAD E A PIRÂMIDE INVERTIDA

Quando se referiu à necessidade dos relatos jornalísticos conterem circunstâncias de sujeito, objeto, lugar, tempo, causa e modo, critérios que adequou da retórica clássica para o jornalismo, Peucer instituiu o hoje topo da pirâmide invertida, o lead. Muitos reconhecem o lead como técnica americana ou como invenção anglo-saxônica, mas já se fazia presente na compreensão do autor alemão.

Robert Park não se atém de forma mais direta à composição estrutural da notícia, sobre o lead e a pirâmide invertida. Ele defende que, mais do que uma limitação a centralidade da linguagem é uma forma de tornar inteligível o real.



Da forma como são organizadas a partir de regras e normas, visam à ordenação das interações entre os indivíduos e suas respectivas formas organizacionais. E que o esforço do repórter consiste em tornar os fatos compreensíveis e interessantes. Para o autor a notícia possui, por apenas relatar o fato, uma função mais pragmática e referencial.

Genro filho criticou o modelo jornalístico da pirâmide invertida - do mais importante para o menos importante - em o segredo da pirâmide. De acordo com ele, o jornalismo deve imitar as pirâmides Egito, cujos fundamentos são na sua base natural. O que deve ser considerado é a abordagem da singularidade do fato, dentro do seu contexto particular, sem deixar de levar em conta o universal, já que os pressupostos ontológicos e ideológicos, bem elucidados, direcionaram a compreensão do que está sendo veiculado, sem necessariamente engessar o conteúdo em formas pré-definidas.

6. OBJETIVIDADE

Peucer já tratava sobre a objetividade do jornalismo ao recorrer ao autor Luciano de Samosata, do século II, que escreveu a obra 'Como se Deve Escrever a História'. O livro adota um tom positivista, prescrevendo que a historiografia se deve basear em fatos e não em interpretações. Peucer chama atenção para a necessidade do profissional se ater somente aos fatos, temendo que interpretações e análises interferissem na compreensão do que é noticiado.

Robert Park, por sua vez, assegura que a notícia apenas informa o público, pois, ao relatar o fato o faz de uma forma mais pragmática, inteirando a todos do que está acontecendo E fá-lo sem qualquer esforço do repórter por interpretar os acontecimentos relatados, exceto o esforço do repórter para os tornar compreensíveis e interessantes (PARK, p. 176, 1976). Desconsiderando todos as influências pessoais de quem escreve ou dos interesses que possam circundar o relato do acontecimento, Park defende que este leva o público a uma interpretação autônoma. E confere essa autonomia "na medida em que foram relatados pelos jornais (acontecimentos) em que neles refletimos, tenderam a assumir uma significação nova e ideal" (PARK, p. 180, 1976).



Adelmo Genro considera essa objetividade impossível e acredita que é um mito influenciado pelas escolas de jornalismo no Brasil pós-primeira Guerra e pela pelas teorias funcionalistas e de sistema, que até hoje influenciam a formação acadêmica, ainda muito tecnicista.

Genro afirma que a opinião não é alheia ao processo de captação e transmissão da realidade. Tal tipo de “objetividade” exigiria não só critérios extra-sociais, mas também homens extra-critérios, espécie de deuses, que tivessem referenciais absolutos.

Esse "efeito" é entendido somente como um reforço da ideologia burguesa da "objetividade jornalística", que pretende inculcar que os fatos apresentados são puramente objetivos, não sendo percebidos em suas potencialidades epistemológicas e até políticas. O resultado, quase sempre, é uma postura saudosista mais ou menos velada, em defesa da informação personalizada e artesanal (GENRO, 1987, p.191).

A crítica de Genro ao "mito da objetividade" se estrutura sob o ângulo da psicologia quando apresenta como óbvio que a subjetividade não pode ser extraída do indivíduo como se fosse uma característica que pode ser afastada do relato do fato.

7.CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE: A ATUALIDADE

A necessidade de estar atualizado sobre o mundo que o cerca é uma característica latente do ser humano identificada por Tobias Peucer e é um critério que incentiva o consumo de notícias. A atualidade é um das cinco características gerais observadas nos jornais de sua época: 1) pode haver notícias sobre tudo; 2) as notícias referem-se a acontecimentos atuais; 3) as notícias trazem novidades; 4) as notícias são úteis; e 5) muitas notícias têm sucesso porque satisfazem a curiosidade humana (SOUSA, 2005, p.5).”

O autor completa: “misturam coisas de temas diferentes, como acontece na vida diária ou como são propagadas pela voz pública”, tendo em vista que o “leitor curioso se sinta atraído pela variedade de caráter ameno e preste atenção”. Referem-se a coisas “novas” (capítulo XIX), contam com “certa utilidade e atualidade” (capítulo XXIV) e satisfazem a “curiosidade humana” (capítulo VIII).



Em Park, encontramos também o critério atualidade enfatizado como o jornalismo vinculado ao presente. Para ele, o relato jornalístico só se legitima e se justifica no e para o presente. “Como forma de conhecimento, a notícia não cuida essencialmente nem do passado nem do futuro, senão do presente – e, por isso, foi descrita como ‘presente especioso’. Pode-se dizer que a notícia só existe nesse presente” (PARK, 1976, p.175).

Adelmo Genro reitera o destaque da importância da atualidade como critério de satisfação da curiosidade para os homens. Todavia, pondera que com o desenvolvimento das forças produtivas e das relações capitalistas, levou a ampliação da necessidade da atualidade e fortaleceu o modo de produção capitalista.

Para ele, os efeitos da imediatividade do mundo constitui um sistema que se torna progressivamente mais complexo e articulado, que conduziu a duas consequências: a procura de mais informações e, pelo fato de que tais informações não podem ser obtidas diretamente pelos indivíduos, o que facilitou uma indústria da informação.

“Que tais empresas sejam privadas e que as notícias sejam transformadas em mercadorias não é de se estranhar, pois, afinal, tratava-se precisamente do desenvolvimento do modo de produção capitalista” (GENRO, 1987, p. 22)

8. AGENDAMENTO

O agendamento, ou *Agenda Setting*, Unidos, tem como base as ideias do livro *Public Opinion*, de *Walter Lippman*, publicado em 1922. Traz a ideia de que a mídia é a principal ligação entre os acontecimentos no mundo. Maxwell McCombs e Donald Shaw, a partir do final dos anos 60, desenvolveram a hipótese na qual se discute o fato de que é a mídia quem determina que assuntos farão parte das conversas dos consumidores de notícias. Para esta teoria, o público tende a reproduzir assuntos que têm maior exposição nos meios de comunicação, sugerindo assim que é a mídia influencia a pauta das conversas informais do público. O *agenda setting* se justifica em função dos efeitos que a presença na mídia provoca: importância social dada ao temas enfatizado nos meios de comunicação.



Todavia, cerca de dois séculos antes de Walter Lippman, Peucer já abordava o tema, fazendo clara referência ao agendamento no trecho da tese de doutorado defendida por ele: “As notícias relatadas são “propagadas pela voz pública” (capítulo IV), quem as lê tem a possibilidade de satisfazer “a sede de novidades dos companheiros e dos grupos de amigos” (capítulo XXIV).

E justamente o alcance e a popularidade dos relatos noticiosos divulgados conduziram Peucer a aconselhar os noticiaristas a escolherem assuntos relevantes; evitem o sensacionalismo, as informações sigilosas e estratégicas do poder; ou a evitem notícias que firam os bons costumes.

Em 1940, Park também evidenciava a prerrogativa que tinham os meios de comunicação de definir uma certa ordem de preferências temáticas. O autor de certa forma, também antecipava a ideia da *agenda setting* ao destacar o poder dos meios de comunicação de massa ao discriminar e organizar a ordem de preferência dos temas veiculados para o público.

Machado (2005) discordou de Park quando este sustentou que a autenticidade do relato de uma notícia sempre está vinculada a sua circulação, à exposição a crítica e ao juízo do público a que está dirigida e de cujos interesses se ocupa. “Nestes dois casos, as características apresentadas – fazer com que as pessoas conversem e circulação pública – não são uma particularidade das notícias. Um capítulo de uma telenovela, por exemplo, cumpre com estes dois requisitos sem ser um produto de natureza jornalística MACHADO (2005). O autor acrescenta que a especificidade da notícia não consiste em suas temáticas, comuns a outros tipos de relatos, mas ao tratamento que recebe o tema e as funções sociais que cumpre.

Já para Adelmo Genro, a singularidade do fato e os valores-notícia - elementos considerados por ele como a base central do jornalismo – fundamentam o *agenda setting*, à medida que servem de base para as estratégias de divulgação dos fatos noticiosos e, por consequente, do agendamento.

Os chamados valores-notícia e a singularidade, esta que é considerada o elemento central do jornalismo segundo Adelmo Genro Filho, são utilizados como base para a elaboração de estratégias de agendamento. A partir do



momento em que, após um acontecimento, o jornalista analisa a sua singularidade, distingue os valores-notícias que poderão incrementar a produção daquele conteúdo, estará, dessa forma, desenvolvendo uma estratégia de êxito que visa a popularização da pauta após a inserção na esfera pública. Para o autor, essa valoração pode ser considerada como um influxo externo da ideologia dominante. “Não se trata de um simples "fragmento", um "átomo", descrito positivamente como algo isolado e, por isso, todo o relato jornalístico, toda notícia ou reportagem, reproduz os fatos através de uma complexa operação subjetiva”. (GENRO, 1897, pp. 106 e 107).

A esse processo, Genro denomina de singular significativo, tendo em vista que é produto de uma modalidade de apreensão subjetiva que supera o particular e o universal no interior da singularidade do fato jornalístico. Para ele, um fato jornalístico não pode ser uma objetividade tomada isoladamente, mas deve considerar a interiorização das suas relações históricas e sociais na reconstituição subjetiva do fenômeno descrito.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores abordados neste trabalho viveram em épocas bem distintas, mesmo assim fizeram abordagens de temas semelhantes. Os elencados aqui são apenas um recorte. Mais temas poderiam ser cotejados. Os três têm outro ponto comum ao ultrapassarem o simples diagnóstico da situação, à medida em que apresentam saídas de como proceder para escapar de inconvenientes e dos constrangimentos inerentes da própria atividade.

Observador do ato de fazer jornalismo no contexto iniciante da atividade, Peucer encontrou uma realidade muito semelhante à contemporânea. Esboça um código deontológico, no momento em que faz críticas ao *modus operandi* da atividade e sugere técnicas de aperfeiçoamento à prática.

O autor já dava destaque à importância de se pluralizar as fontes consultadas para evitar a publicação de falsas informações. “É preciso averiguar se quando um fato acontecido recentemente e anunciado imediatamente em locais diversos, é confirmado pelo testemunho de muitos”. Peucer reforça que deve se destinar o máximo de atenção para evitar informações duvidosas,



atribuindo “uma credibilidade provável às coisas narradas, de sorte que afinal ao mais sério, pode suceder-lhe que algumas vezes se lhe misture coisas falsas com coisas verdadeiras sem culpa sua.” E é mais direto ao recorrer à ética, quando afirma que “não se pode mentir nem dizer coisas falsas de sorte que o outro forme uma opinião falsa ou seja enganado”.

Além da preocupação com a verdade e da fidelidade aos fatos através do rigor na apuração, em *Relationibus Novellis*, Peucer recomenda que o profissional evite distorção da notícia influenciado pelas preferências pessoais, característica essa que o autor deve ter percebido como recorrente nos periódicos analisados. Observação que se põe óbvia no trecho. “preso por um afã partidário, misture ali temerariamente alguma coisa de falso ou escreva coisas insuficientemente exploradas sobre temas de grande importância”.

No afã de traçar o perfil que ele considera ideal da nova profissão, sugere que o fato, para ser compreendido, requer que o narrador se sirva de uma linguagem, por um lado pura, por outro, clara e concisa”. E, junta, lembrando da obediência às normas gramaticais, que deve-se evita “as palavras obscuras e a confusão na ordem sintática.”

Os conceitos sistematizados por Peucer são válidos até hoje e teve o mérito de sugerir regras a serem colocadas em prática pelos profissionais para aperfeiçoamento da atividade. Robert Park fez o mesmo, mas de forma mais sutil. Como jornalista e pesquisador, tratou de levar para o laboratório de pesquisa o conhecimento adquirido através da práxis. E vice-versa!

Por ser adepto ao estilo característico do new journalism, Robert Pak era pragmático. Valorizava essa característica, influenciando os seus alunos de jornalismo a seguirem a mesma linha. O mérito do seu trabalho reside no fato de que o autor não se restringiu em apenas refletir sobre o trabalho da imprensa. Em Chigago, utilizava a observação participante e a etnografia como metodologia de pesquisa, porque entendia que a cidade era o melhor laboratório. Na experiência da proposta de criação de um jornal, o *Thought News* (Notícias Pensadas), Conforme sublinham Subtil e Garcia (2010), pretendia revelar “as maneiras pelas quais leis sociais produzem o que é convencionalmente chamado de ‘problemas’”.



O *Thought News* se propunha a abordar temas relacionados a ciência, religião e educação, dando ênfase ao significado das relações entre os fatos. Pretendia ser base de conhecimento para ações sociais transformadoras, conforme assinalam Subtil e Garcia (2010). Apesar de não obter êxito em colocar em prática, o projeto mostra a intenção de Robert Park em aplicar métodos inovadores ao fazer jornalístico, transformando-o em ferramenta de educação.

Para isso, o autor sugere aos discípulos a procura constante de abordagens criativas no trabalho de investigação, o que atendia a preocupação da Universidade de Chicago em fazer pesquisas não apenas como forma de estudar a sociedade, mas na intenção de mudá-la. “O poder da imprensa está na capacidade de influenciar a opinião pública e mobilizar a comunidade para ações políticas” (PARK, 2008, 1941, p. 71).

Mais contemporâneo, Adelmo Genro se preocupou em discorrer sobre as características do jornalismo que camuflam interesses ideológicos ou capitalistas através de características como a impessoalidade. O autor defende que, em vez de ser empecilho, a impessoalidade das informações jornalísticas, até facilita a identificação dos interesses mais amplos das classes e grupos sociais entranhados nelas. Para ele, é mais fácil desvendar o sujeito social e político que está por trás de cada veículo, ou mesmo de cada informação ‘impessoal’, quando existe uma participação consciente e deliberada dos setores mais atuantes e politizados. Adelmo frisa que a participação na luta de classes possibilita a identificação dos interesses em jogo, a origem dos discursos e das diversas abordagens da realidade.

Sobre a pluralidade de fontes, a pesquisa do autor destaca que é possível confrontar e comparar as abordagens dos meios para que revelem os sujeitos políticos e sociais que estão por trás da suposta imparcialidade. Ele adverte que, na explicitação editorial dos próprios veículos surge a possibilidade do público relacionar aquelas posições abertas com o enfoque velado que preside as demais matérias. E que isso é possível através da criação de uma consciência política e teórica de que a informação jornalística não é nem puramente objetiva, nem imparcial ou neutra.



Genro sublinha que, na produção industrial da informação, não é um sujeito individual que fala, mas um sujeito social que pode ser identificado no âmbito das contradições de classe e interesses de grupos. Para ele, quando o público vai compreendendo essas contradições e a lógica dos interesses, a postura ideológica e política é desvendada pelas pessoas que compõem setores mais participantes e politizados.

O autor enfatiza a utilização da tríade singular/particular/universal como revolucionária quando bem utilizada. Para ele, o critério jornalístico de uma informação está intrinsecamente ligado à reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade. Todavia, os conteúdos divulgados se associam à particularidade e universalidade que deles se originam e que são delineadas ou insinuadas pela subjetividade do jornalista. O singular é a cristalização do fato jornalístico, representado pelo lead, cuja imediaticidade - que é vantajosa para a ideologia dominante - compromete a autonomia do particular e do universal.

O sociólogo salienta que a alternativa é driblar a "especificidade" na atividade jornalística, fugir da receita técnica de fundo meramente empírico, das regras operativas que os jornalistas devem seguir sem saber o motivo, tomando-se presa fácil da ideologia burguesa e da fragmentação que ela proporciona. O profissional deve buscar, através da divulgação do singular, uma abordagem particular que evite a transformação da realidade em um agregado de fenômenos destituídos de nexos históricos e dialéticos. Genro alerta que o universal não pode tornar-se uma mera soma das partes. Deve se materializar no texto através do fato contextualizado, intertextualizado, alinhavado por outros fatos e com a discursividade histórica.

A abordagem da singularidade de um fato deve assumir a perspectiva de mudança da realidade social e a constante atualização do contexto que ela remete para Adelmo Genro. A notícia deve alimentar um aspecto revolucionário, não daqueles que ambicionam a tomada do poder, mas que se restringe ao compromisso de provocar nos receptores um olhar crítico que os permitam identificar interesses subliminares entranhados no conteúdo. E que consigam reagir a eles.



REFERÊNCIAS

MACHADO, Elias. O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em Jornalismo. **Jornalismo e Mídia** Vol.II Nº 1 - 1º Semestre de 2005

MELO, Isabelle Anchieta. **A notícia como forma de conhecimento segundo Robert Park**. BCC [Biblioteca on-line de Ciência da Comunicação]. Portugal. 2007. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-noticia-como-forma-conhecimento.pdf>>. Acessado em 11 jul 2021.

PARK, Robert E. **A notícia como forma de conhecimento**. In: Steinberg- Meios de comunicação de massa. São Paulo, Cultrix, 1976.

PARK, Robert E. **A História Natural do Jornal**. Em: Berger, C. e Marocco, B. (orgs.). A Era Glacial do Jornalismo. Porto Alegre: Sulina. 2008 [1923].

PEUCER, Tobias. **Os relatos jornalísticos. Comunicação e Sociedade**, n.º 33, pp. 199-214, 2000. (Tradução de De relationibus novellis), Leipzig: Tese (Doutorado em Periodística) – Universidade de Leipzig, 1690.)

PONTES, Felipe Simão. **O conceito de ideologia na teoria do jornalismo de Adelmo Genro Filho**. Galáxia (São Paulo), núm. 32, pp. 151-162, 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 2, p. 31-46, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2071>. Acesso em: 11 jul. 2021.

SUBTIL, Filipa e GARCIA, José Luís. Communication: an inheritance of the Chicago School of Social Thought. Em: Hart, Christopher (ed.), **The Legacy of Chicago School of Sociology** (pp. 216-243). Manchester: Midrash Publishing. 2010. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/11380>. Acesso em: 11/07/2031.